

Brizas da noite, brizas perfumadas, porque não arrebatais nas azas o meu amante, e não o trazeis para meu seio que tem febre, para meus lábios que tem cede?

MARIA

CONTO PHANTASTICO

POR G. DE A.

Quando eu era estudante, morava como se costuma dizer na giria dos que frequentam as academias, em uma republica.

Era-mos quatro; alegres, folgasões como sóem ser quem só pensa em amor, a excepção de Mario, moço de vinte annos de idade, filho da uberrima provincia de Minas, que trasia no rosto impressa uma doce melancolia, cujo motivo nos era completamente desconhecido.

Nas nossas pilherias de rapases, nunca ovimos soltar uma dessas gargalhadas tão francas, tão verdadeira, tão naturais como sabem soltar os homens de vinte annos!

Como? pois tristesas n'esta idade?

Quando ainda não se pensa nas misérias do mundo, nas necessidades da vida; quando alma é toda illusão, crenças e amor?

Quando a alma vai doida, alegre e volúvel por esses vergeis de fantasias, como o beija-flor dos prados, como as borboletas das vargeas?

O' mocidade, paiz encantado das mil e uma noites, como no declive da vida escorregas tão ligeira, a semelhança dessas flores que na primavera corraam as grimpas dos alvoredos do monte!

E Mario não tinha sorrisos senão palidos como os raios da lua de Estio.

O' Mario tu não sabes que saudade eu tenho de ti; depois que tu abristes o teu coração á minha amizade eu fui deveras teu amigo, com uma dessas amizades que só a mocidade sabe crear e guardar até os ultimos dias, da existencia.

Quanto eu sentia que tu, moço como eu, apertado por uma idéa affictiva, não tivesses os risos da mocidade e não gosasses, os prazeres proprios da tua idade.

Quantas vezes enchei tuas lagrimas ardentes vindas de tão fundo, e emanadas pela fonte das magoas e dos desalentos:

Sorrias, Mario, mas o teu sorriso tinha alguma cousa de sobre natural e mysterioso.

Porque?

Elle proprio nol-o contou uma noite

Estavamos todos quatro em casa, eu, Mario, Braga e Araujo.

Chovia; eis a razão porque n'essa noite nos achava-mos todos juntos; Mario sentado em uma cadeira com as costas voltadas para frente com a barba apoiada nas mãos, Braga e Araujo em suas camas e eu na minha rede fumando indolentemente o meu cigarro.

A luz mortua de um lampeão de kerozene, alumia este grupo.

Braga sempre galhofeiro, satyrico eterno, mentia a bulha, como se costuma dizer, os terrores de Araujo lembrando-se dos mil e um phantasmas de Alexandre Dumas que acabava de ler.

— Acreditas em phantasmas Araujo? dizia elle.

— Creio, e tenho provas.

— Oh! isto é serio, disse eu, venham as provas!

— As provas? eu lhas apresento. Conheces um passaro que se assemelha com o mocho e canta á noite na beira da estrada, um canto lugubre?

— Não. Mas isso não vem ao caso; vamos á materia.

— Pois bem uma noite chegando eu tarde em casa encontrei uma dentro da minha alcova. Matei o as bengaladas.

E que tem isso disse Braga

— Que tem? Oh!... No dia seguinte tinha morrido o meu cavallo!

— Uma gargalhada minha e do Braga foi a resposta a esta coartada

— Este enfiado disse entre dentes cream ou não, isto foi verdadeiro e só a lembrança me faz arrepiar os cabellos.

— Não me diraes louco, que conexão tinha o passaro com o teu cavallo?

Lê o Hoffman ali é que ha materia bastante para fazer arrepiar os cabellos do homem de espirito mais forte e mais positivo.

Entretanto esse Hoffman era um louco, acrescentou Braga, elle proprio tinha medo das suas creações phantasticas: mas aqui para nós, tudo aquillo era effeito da pinga... Hoffman era um perfeito «borrachos».

— Eis o que se chama fallar da vida alheia, disse eu.

— Pois tu tambem acreditas em almas do outro mundo?

— Braga soltou uma gargalha e retorquiu-me.

Parece não ha duvida que o que se diz o pai dos nossos espiritos, marcou o cerebro para sua sede e orgam; mas como pode o cerebro tornar o espirito apto para pensar e obrar, ou, ainda, como pode um espirito morar na carne; deslinda-me este maravilhoso mysterio? Disem que o homem é o senhor deste mundo inferior, mas como se revella esta superioridade entre os outros animaes? Como pode esta complicação e confusão de fibras receber vibrações dos nervos dos sentidos e fazel-as em vistas e conspaladar e tacto? Responda-me?

— Tu és um descrente e creio que até atheu.

— Não ha tal; apresento as primicias, peço discussão.

AMOR FEMINIL.

No periodo da vida, em que o coração da mulher se abre ás paixões, ha duas épocas distinctas. A primeira é aquella em que timida e inexperiente, ella se embriaga nesse pelago de vagas aspirações de um amor sem objecto; em que no homem que lhe sorri crê encontrar o ente predestinado, que Deus enviou á terra para servir de arrimo aos seus passos debes e incertos, semelhante ao feixo robusto que, firme no sólo, deixa enredar-se nos ramos viçosos da hera, e balouça alegre as possantes vergonteas, presas nos braços voluptuosos da fragil planta, que vive da sua seiva sem a exaurir. E' essa a quadra perigosa, em que a luta que passa suscita inexplicavel saudade no animo feminino, e os olhos da virgem, que se vão após o astro socegado, descem de lá para a terra humidos de não sentidas lagrimas; em que a donzella se mira na agua limpida do arroio, tingindo-se-lhe de rubro as faces se percebe que a observam, e vae correndo e rindo colher por disfarce a bonina da margem para a atirar a veia do regato, e seguil-a com a vista, que de espaço a espaço vem cruzar de relance com o olhar fito daquelle que em adoração a contempla: em adoração porque, durante esta idade, no gesto, nos meneos, na vós, no volver de olhos da virgem, no ambiente que a cerca, ha o que quer que é de anjo: ha o que quer que é do céu.

N'esses annos é tão facil como barba o triumphar do pudor quasi infantil, unica defesa que a natureza deixou á um espirito ignorante e candido, se não é que para alliadas do pudor poz na alma do homem a generosidade e a poesia.

Depois dos annos da innocencia virginal ha no existir da mulher uma phase, em que a sua alma desce das regiões ideaes da pureza para a grosseira realidade do mundo.

Já então se não mira no crystal do arroio, e a lua vem e desaparece sem que ella uma só vez levante os olhos ao céu. Quando o seio lhe arfa ao encontrar o que ama, não precisa de correr a apanhar a bonina para esconder o rubor: o sangue precipita-se todo

no coração que se dilata, e ás faces só vem a pallidez. N'essa quadra é a intelligencia que resiste á sedução: o pudor não é poesia, não é uma inspiração espontanea, inexplicavel; é calculo, é raciocinio. N'essa idade o amor que cede é ardente, impetuoso, tyrannico, porque a mulher mediu toda a extensão do sacrificio; porque não cedeu sem uma luta terrivel, e essa luta lhe fez conhecer a immensidade da paixão que a venceu, e a consciencia lhe diz que só um amor sem limites póde corresponder ao seu.

A diversidade, porém, das indoles humanas determina as diversas manifestações do amor feminino nos annos que succedem aos da primeira juventude. Muitas vezes a mulher, posto que despenhada na realidade, é ainda o anjo, anjo não radiante de gloria, não cercado de uma auréola de formosura celeste, mas passando docemente melancolico no meio do desterro da vida, semelhante ao pôr do sol de uma tarde de outomno, vivendo só para o homem cuja alma uniu á sua, exemplo de abnegação sobre-humana, esquecendo as dores proprias para consolar as alheias, soffrendo a infidelidade, ingratidão, a impaciencia brulal, sem um queixume, e escondendo até a reprehensão eloquente das lagrimas, feliz o que encontrou tal mulher, se Deus lhe concedeu entendimento para a comprehender, coração para aspirar e conter em si um amor quasi infinito! Em outras, quando chega esta idade, as paixões intensas, concentradas, violentas assemelham-se á cratera do Vesuvio, cujas terrives erupções são transitorias, mas onde constantemente arde o fogo, e tolda os ares o fumo, e as escorias se agitam sob os turbilhões da chamma inextinguivel.

Em outras, finalmente os ardores ultimos são semelhantes aos fogos do Hecla; escondem-se debaixo da superficie de gelo. Mas a força da explosão não é por isso menos violenta. Aquelle que chega a afastar esse manio de frieza, lá ve ferver os algares, lá ouve o rugir do abysmo, lá sente o calor do incendio.

A. HERCULANO.

POESIAS

SONETO

E' triste o adeos do filho á mãe querida,
E' triste o adeos dos lábios do exilado,
E' triste o adeos que envia o condemnado
Ao mundo, ao sol, á natureza, á vida,

Como o choro da pomba commovida
E' triste o adeos do peito do soldado.
E' triste o adeos que diz ao bem amado
O moribundo em vez quasi sumida.

E' triste o adeos que ao sabiá inspira
Do sol no poente o raio derradeiro.
E' triste o adeos do bardo á sua lyra:
Porém o adeos mais triste e verdadeiro,
E' os que o poeta que dilira
Diz as flores gentis do amor primeiro.

F. N.